

Mollens, 25 de agosto de 1988

A principal penitência

[...], tive a possibilidade de ler algo a respeito de grandes santos que a Igreja venera e de assistir a alguns filmes sobre eles.

Uma das impressões mais fortes foi constatar a vida de penitência tremendamente dura que muitos deles tiveram, usando frequentemente dolorosos cilícios, fazendo contínuos jejuns, penosas vigílias, silêncios intermináveis, dormindo no chão sobre tábuas. Eles se tornaram santos também com a ajuda dessas penitências.

Perguntei, então: e nós, o que fazemos? Não queremos ser santos também?

Imediatamente, na minha alma, a resposta foi clara: "Você, todos vocês, devem olhar para Maria. É ela o modelo. De Maria, que viveu em meio ao mundo, como a maioria de vocês, não conhecemos tanto as penitências que talvez tenha praticado, mas os sofrimentos que Deus lhe pediu, através das várias circunstâncias de sua vida maravilhosa e extraordinária, ao mesmo tempo que imensamente dolorosa. Observem o modo como Ela viveu este sofrimento, a ponto de ser chamada "Rainha dos Mártires".

Devemos olhar para Maria.

Não há dúvida de que também para nós o sofrimento ocupa um lugar importante na vida. Basta pensar no que significa Jesus Abandonado em nossa existência.

Por isso, não temamos que nos falte alguma coisa. Os sofrimentos, as dores, e as penitências existem. O importante é vivê-los como Maria os viveu.

Logicamente não devemos deixar de fazer alguma penitência corporal e espiritual, principalmente aquela que em determinados períodos do ano a Igreja aconselha ou prescreve. Mas, neste aspecto, devemos principalmente imitar Maria.

Pensei então Nela que, ao se manifestar como Desolada, foi reconhecida por nós como um monumento de santidade, a santa por excelência, a personificação de todas as virtudes.

E floresceu em meu coração, de maneira renovada, o desejo de revivê-la na renúncia completa de si mesma, pois nisto consiste a virtude. Imitá-la no seu saber perder tudo. Tudo, até mesmo o seu Filho Deus. De que modo?

Agindo como alguns anos atrás, quando a compreendemos em maior profundidade. Foram tempos em que o Espírito Santo nos evidenciou, de vários modos, ser necessário fazer a vontade de Deus, e não a nossa. Era necessário viver bem a vontade de Deus, vivê-la plenamente no momento presente da vida. Compreendemos que isto não seria possível se, no momento presente, não perdêssemos sempre tudo aquilo que não fosse vontade de Deus, se não abdicássemos, com decisão, da nossa própria vontade.

Procurei novamente viver assim e vi quanto bem faz à alma, como a rejuvenesce e a renova. Percebi que nada daquilo que Deus nos deu e nos ensinou está superado. Percebi também que, sendo evangélica a nossa espiritualidade, ela pode oferecer sempre, como o próprio Evangelho, pistas de vida nova, em todas as suas expressões e para cada momento.

Assim, com este collegamento, convido também vocês a viverem desta maneira.

Paremos um momento, observemos como o tempo caminha. Coloquemo-nos firmemente no presente e realizemos a vontade de Deus, perdendo decididamente a nossa, sacrificando tudo o que temos no coração ou na mente mas que não diz respeito ao presente. Poderá ser uma recordação muito viva, uma ideia, um desejo, um sentimento, mesmo profundo, um objeto ou uma pessoa. Esforcemo-nos de coração, mente e forças, para fazer somente a vontade de Deus. Assim realmente amaremos a Deus com todo o coração, com toda a mente, com todas as forças: Deus, o nosso Ideal.

É um exercício maravilhoso! É morrer a cada instante, para renascer sempre. É a principal penitência que o Céu pede aos membros da Obra de Maria.

Chiara Lubich, Buscar as coisas do alto, São Paulo, 1993, p. 108-111